

BREVES REFLEXÕES ACERCA DA HISTÓRIA DA SAÚDE E ESCRAVIDÃO NA AMÉRICA LATINA

Gutiele Gonçalves dos Santos

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde - Casa de Oswaldo Cruz -
COC/FIOCRUZ

E-mail: gutielegoncalves12@gmail.com

Jacques Ferreira Pinto

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde - Casa de Oswaldo Cruz -
COC/FIOCRUZ

E-mail: jacquesfp@gmail.com

Resumo:

O presente artigo pretende analisar como investigações sobre a história da saúde e escravidão na América Latina podem contribuir para o desenvolvimento de agendas de pesquisa no campo dos estudos afro-latino-americanos, com destaque para o tema do tráfico transatlântico de africanos escravizados. Inspiramo-nos na figura de François Mackandal, um mestre que utilizou os seus saberes das artes de curar e uso de ervas como uma estratégia de libertação da escravidão. Este fato nos faz refletir quantos sujeitos, assim como Mackandal, atuaram nas práticas de cura e disseminaram seus conhecimentos para além do atlântico em inúmeros atos de (re)criação e resistência. Além disso, buscaremos apresentar estudos e fontes a propósito dessa temática em seus aspectos teóricos e metodológicos, analisando as possibilidades de recuperar as histórias de africanos que resistiram ao tráfico utilizando seus conhecimentos das práticas de cura.

Palavras-chave: História da Saúde; Escravidão; Afro-Latino-América.

BRIEF CONSIDERATIONS ABOUT THE HISTORY OF HEALTH AND SLAVERY IN LATIN AMERICA

Gutiele Gonçalves dos Santos

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde - Casa de Oswaldo Cruz -
COC/FIOCRUZ

E-mail: gutielegoncalves12@gmail.com

Jacques Ferreira Pinto

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde - Casa de Oswaldo Cruz -
COC/FIOCRUZ

E-mail: jacquesfp@gmail.com

Abstract:

This article aims to analyze how investigations into the history of health and slavery in Latin America might contribute to the development of research agendas in the field of Afro-Latin American studies, with emphasis on the theme of transatlantic slave trade. We were inspired by the figure of François Mackandal, a master who used his knowledge of the arts of healing and the use of herbs as a strategy to free his people from slavery. This fact makes us reflect on how many African and their descendants, as well as Mackandal, acted in healing practices and disseminated their knowledge beyond the Atlantic in countless acts of (re)creation and resistance. In addition, we will seek to current studies and sources on this theme in its theoretical and methodological aspects as we analyze the possibilities of recovering the stories of Africans who resisted to the slave trade using their knowledge of healing practices.

Keywords: History of Health; Slavery; Afro-Latin America.

“—¡Mackandal no ha muerto!”

Manuel Zapata Olivella, em *Changó, el gran putas*.

Para a escrita deste artigo¹, inspiramo-nos na figura de François Mackandal presente na obra épica *Changó, el gran putas*, de Manuel Zapata Olivella. Mackandal foi mestre nos saberes da cura e ervas como estratégia de libertação da escravidão, fato este que nos faz refletir sobre as relações estabelecidas por africanos e seus descendentes com a saúde e as doenças no período vigente da escravidão na América Latina.

Em décadas anteriores aos fatídicos eventos que dariam surgimento à primeira nação negra e independente das Américas, François Mackandal, um africano provavelmente proveniente da África Ocidental, se destacou como um líder *marron*² na ilha de Santo Domingo durante a primeira metade do século XVIII. Em meio à forte escravização com foco na produção de açúcar no território que viria a se tornar o Haiti, Mackandal foi um escravo fugitivo assim como tantos outros que se integraram às comunidades *marron* em articulação a outros escravizados nas fazendas da ilha. O grupo liderado por Mackandal atuou no planejamento de ações contra senhores brancos e autoridades com destaque para a fabricação de venenos a partir do conhecimento sobre ervas medicinais.

Causando medo e apreensão entre fazendeiros e autoridades escravistas, Mackandal foi capturado em 1758 sendo condenado à morte na fogueira por seus atos de rebeldia. Segundo registros históricos, ele teria conseguido escapar da primeira fogueira sendo logo em seguida preso novamente e finalmente morto. Apesar de sua morte, Mackandal continuaria a reverberar

¹ Este artigo foi desenvolvido durante o “Certificado em Estudos Afro-Latino-Americanos” oferecido pelo *Afro-Latin American Research Institute* da Universidade de Harvard no período de setembro/2020 a março/2021. O *Afro-Latin American Research Institute* foi a primeira instituição de pesquisa nos Estados Unidos dedicada à história e à cultura dos povos afrodescendentes na América Latina e no Caribe. O instituto estimula e patrocina bolsas de estudo sobre a experiência afro-latino-americana e oferece um fórum onde acadêmicos, intelectuais, ativistas e formuladores de políticas públicas se envolvem em intercâmbios e debates. Para mais informações consultar o site: <https://alari.fas.harvard.edu/>

² Comunidades de escravos fugitivos equivalente aos quilombos na história do Brasil. As comunidades formadas pelos negros escravos, que fugiram do trabalho forçado e resistiram à recaptura por parte das forças escravocratas, receberam vários nomes nas diversas regiões do Novo mundo: quilombolas ou mocambos no Brasil, [...] marrons, na Jamaica, no Suriname e no sul dos Estados Unidos. Os termos *maroon* e *marron* derivam do espanhol cimarrón, nome dado pelos primeiros colonizadores das Américas ao gado doméstico fugido da então ilha de Hispaniola (hoje Haiti e Santo Domingo) (CARVALHO, 1996, p. 14).

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 29, jul. - dez. 2021.

enquanto figura revolucionária entre africanos e seus descendentes na ilha de Santo Domingo durante a Revolução Haitiana e até os dias atuais na memória nacional do Haiti.

A partir dessa inspiração, apresentaremos estudos a respeito das relações entre saúde e escravidão em seus aspectos teóricos e metodológicos sinalizando suas contribuições para as pesquisas em torno do tráfico de africanos escravizados. Em seguida, a discussão de dados concentra-se nas fontes no sentido de expor as contribuições que a perspectiva histórica da saúde oferece para as pesquisas.

Ao final do artigo, pretendemos retomar a figura de François Mackandal no contexto contemporâneo de urgência por respostas sanitárias eficazes devido a pandemia de Covid-19 que ainda assola de forma cruel as populações afrodescendentes. Os estudos históricos sobre saúde e escravidão podem contribuir de forma relevante com caminhos teórico-metodológicos e dados qualitativos pertinentes para as pesquisas a respeito do tráfico de africanos escravizados e outras problemáticas que se abrem no processo de construção e consolidação dos estudos afro-latino-americanos.

O romance *Changó, el gran putas* conta a história da diáspora africana nas Américas numa trama entre personagens históricos e orixás do panteão de divindades iorubás. Publicado originalmente em 1983, se tornou uma das mais celebradas obras do escritor, médico e pesquisador afro-colombiano Manuel Zapata Olivella (1920 - 2004).

Zapata Olivella inicia o romance pela África e o tráfico transatlântico de africanos escravizados, ressalta a história das comunidades quilombolas em Cartagena na Colômbia, a independência haitiana, figuras como a de Zumbi dos Palmares e termina com a luta contra a segregação racial legal nos Estados Unidos (GURIDY, HOOKER, 2018, p. 251). *Changó, el gran putas* é uma obra épica valorizada por sua qualidade literária e apelo político, visto que é referência para o pensamento e ações de movimentos negros na história até os dias atuais.

Em *Changó, el gran putas*, o já mencionado François Mackandal ocupa um lugar especial, pois em meio a controvérsias históricas e míticas, sua morte não pode ser compreendida como um fim. Apesar de ter sido executado por tropas francesas dada a sua rebeldia frente à condição de escravizado, sua trajetória permaneceu como referência viva para a Revolução Haitiana entre fins do século XVIII e início do século XIX.

Os saberes de François Mackandal foram muitos, como a habilidade de falar diversas línguas, conhecimento sobre ervas e chás para cura e *expertise* na articulação de um movimento revolucionário (MÜLLER, 2009; DILLON, SIMPKINS, 2020). Tais conhecimentos não era algo atípico nas Américas, posto que muitos homens e mulheres africanos³ e indígenas exerceram seus saberes tanto como resistência quanto como manutenção de suas culturas – fato que nos estimula a refletir sobre a relação de africanos e seus descendentes com a saúde.

Dessa forma, detemo-nos aqui acerca de como é possível reconhecer a relação entre saúde e escravidão no tema do comércio transatlântico de escravizados para a América Latina com foco no Brasil. Intentamos assim relacionar estudos já realizados para ressaltar a importância de observar o tráfico de africanos escravizados pela lente da saúde e das doenças, ao passo que indicaremos como tal perspectiva pode contribuir para novas agendas de pesquisa no percurso de construção e consolidação dos estudos afro-latino-americanos.

Um diálogo entre saúde e escravidão a partir do comércio transatlântico de escravizados

François Mackandal foi uma das mais de 10 milhões de pessoas sequestradas de diversas partes do continente africano em situações desumanas com destino para as Américas durante séculos de violência⁴. Lamentavelmente, o Brasil se destaca nesse processo, pois foi o local que mais recebeu escravizados sendo mais de 5 milhões de pessoas, além de ter sido o último país do Ocidente a abolir a escravidão.

As implicações históricas desse processo são as mais diversas, dentre as quais podemos destacar que atualmente o Brasil é o país com a maior população negra e afrodescendente das Américas (ANDREWS, 2018). Outras implicações em países latino-americanos que devem considerar os contextos posteriores ao tráfico atlântico são aquelas relacionadas às grandes desigualdades de raça, classe e gênero existentes nesses locais.

³ Outros nomes surgem como *Queen Nanny* (GONZALES, 1988), líder *marron* na Jamaica colonial que também era conhecida por seu conhecimento de ervas e *expertise* política, o feiticeiro Juca Rosa (SAMPAIO, 2003) no Rio de Janeiro imperial, Domingos Alvares (SWEET, 2011) em seus caminhos pelo Atlântico, entre tantos outros.

⁴ Os dados estimados têm referência no Banco de Dados do Tráfico de Escravos Transatlântico (*Trans-Atlantic Slave Trade Database*) conforme busca recente. Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/estimates/38g4O074> Acesso: 07 de março de 2021.

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 29, jul. - dez. 2021.

ISSN: 1982 -193X



O debate historiográfico sobre o tráfico transatlântico é vasto em estudos, dos quais podemos mencionar as pesquisas de intelectuais como Herbert Klein, João José Reis, Beatriz Mamigonian, Roquinaldo Ferreira e Tatiana Seijas, entre outros. Essas pesquisas perpassam por diversas questões: comércio, travessia, homens de negócios, formas de resistências, experiências individuais e coletivas de africanos etc (KLEIN, 2004; REIS, 2015; MAMIGONIAN, 2009; FERREIRA, SEIJAS, 2018).

Ferreira e Seijas argumentam que existem duas formas recorrentes para compreender o tráfico de africanos escravizados. A primeira é a partir das pesquisas quantitativas que procuram contabilizar o número de pessoas escravizadas. A segunda, a partir do método qualitativo que busca investigar questões sociais e culturais, ou seja, as diversas experiências vivenciadas durante e posteriormente ao tráfico de escravos (FERREIRA, SEIJAS, 2018, p. 47-48).

Segundo Ferreira e Seijas, apesar dos dados numéricos serem de extrema importância para termos conhecimento da dimensão do tráfico, por vezes não conseguimos analisar com precisão as experiências individuais. Já as análises qualitativas visam justamente a compreender o tráfico a partir das “dinâmicas policulturais” envolvidas nesse comércio. Essas duas abordagens não são excludentes e podem inclusive ser utilizadas a partir de uma perspectiva integrada, como ilustramos em alguns exemplos ao longo do texto.

Apesar dos autores apresentarem a enorme amplitude da historiografia sobre comércio transatlântico, estudos que relacionem saúde, escravidão e tráfico não surgem com relevância nas abordagens descritas. Nesse sentido, é relevante observar o que vem sendo produzido mais recentemente pela historiografia da confluência entre saúde e escravidão na América Latina.

A partir do final do século XX, começam a surgir pesquisas que se dedicam a compreender os diferentes aspectos da sociedade escravista e as condições de vida dos sujeitos escravizados por meio da intersecção entre saúde e escravidão. Os estudos sobre as doenças que acometiam os povos indígenas e africanos, bem como as práticas de cura que eram utilizadas na tentativa de remediar os males, consegue nos apresentar diversas características das sociedades latino-americanas (MARÍN, 2012; PIMENTA, GOMES, 2016; ARAYA FUENTES, 2020).

A compreensão do tráfico de escravos pode ser ampliada, já que tal fenômeno histórico foi responsável por constituir uma complexa rede de interações entre pessoas de diversas partes do mundo acarretando a intensificação dos contágios, infecções e situações de adoecimento. Novos

trabalhos têm surgido no sentido de buscar respostas para questões como: quais eram as condições de viagem nos navios negreiros? Em que condições físicas e psicológicas chegavam essas pessoas? Quem lidava no trato dos sujeitos adoecidos? Quais eram as práticas de cura? Esses são alguns questionamentos que nos possibilitam (re)pensar objetos de pesquisas relacionados à escravidão e ao tráfico a partir da ótica da história da saúde e das doenças.

Dauril Alden e Joseph Miller fazem uma análise sobre as origens e disseminação da varíola no Brasil e apontam o tráfico como um transmissor potente de doenças nas Américas (ALDEN, MILLER, 1987, p. 195-224). Entre outras doenças, a varíola concorreu para reduzir significativamente o número de pessoas que embarcavam nos navios. Por sua vez, o historiador Jaime Rodrigues, ao analisar os intermediários do tráfico, busca compreender quem eram os praticantes das artes de curar que faziam parte da tripulação dos navios negreiros, como sangradores e curandeiros (RODRIGUES, 2005, p. 252-296).

Já Manuel Barcia enfoca suas pesquisas a respeito da relação entre tráfico e saúde no período em que esse comércio se torna ilegal. Segundo o autor, as primeiras tentativas de controlar as doenças, não foi algo que ocorreu devido ao avanço médico, mas a partir das práticas de cura empreendidas sobretudo por africanos e indígenas (BARCIA, 2020).

As investigações de Barcia dialogam com as pesquisas de Sidney Chalhou na medida em que ambos buscam entender como a febre amarela interferiu na estrutura do tráfico negreiro (CHALHOUB, 1996). Essas pesquisas contribuem sobremaneira para a mencionada abordagem qualitativa como Ferreira e Seijas apontam, visto que analisam fontes pertinentes sobre o comércio transatlântico.

Além disso, realizam análises que buscam chamar atenção para aspectos sócio-biológicos no contexto do tráfico de escravizados, ou seja, evidenciam tanto o impacto epidemiológico, como as suas consequências para as sociedades. Essa perspectiva abre espaço para um campo de estudos promissor que nos possibilita compreender a complexidade do período escravista em termos de saúde e doenças (ROSENBERG, GOLDEM, 1997, p. 23).

Tráfico e saúde: o que as fontes nos dizem?

No que se refere às possibilidades de correntes interpretativas para compreender a articulação entre tráfico e história da saúde, ressaltamos a riqueza de fontes levantadas e informações examinadas por diferentes estudiosos. Podemos apontar como exemplos os trabalhos de Tânia Pimenta sobre os barbeiros-sangradores no Rio de Janeiro do século XIX e os de Sidney Chalhoub a respeito da relação entre febre amarela e a extinção do tráfico atlântico na década de 1850 no Brasil (CHALHOUB, 1996; PIMENTA, 2016).

A partir do levantamento de licenças pedidas por sangradores para a Fisicatura-mor, órgão responsável pela regulação e fiscalização das atividades de curar, Tânia Pimenta analisa os números e trajetórias de terapeutas populares durante as primeiras décadas do século XIX (PIMENTA, 2016, p. 232-233). Embora a menor parte dos terapeutas tenham se oficializado, as licenças e cartas de autorização nos informam sobre aspectos quantitativos e qualitativos dos barbeiros-sangradores. Estes consistem nos sujeitos versados nas artes da sangria, indicação de remédios, procedimentos cirúrgicos, dentários, tratos com o cabelo, asseio etc. No Brasil, a maior parte deles eram escravizados ou forros (libertos), com predominância daqueles de origem africana atuando em diversas partes do território e também na travessia Brasil-África.

As licenças são fontes que nos indicam dados valiosos para a compreensão mais ampla do cotidiano, formas de associação e assistência à saúde dentro dos navios negreiros. Pimenta refaz os passos das trajetórias de diferentes sangradores que atuavam no tráfico atlântico entre África e América Latina como um todo. Um dos casos estudados por Pimenta é o de Joaquim da Silva Senna, homem pardo, que realizou exame para sangrador em 1811, viajando para a África no mesmo ano a fim de exercer seu ofício. A historiadora observa Joaquim como figura importante numa rede de sangradores que tinham como principais espaços de atuação os locais conectados ao tráfico de africanos escravizados.

No mesmo sentido, podemos retomar a trajetória de Mackandal para perceber a grande extensão da rede de homens e mulheres praticantes das artes de curar. É importante ressaltar que o conhecimento das ervas e rituais poderiam ser utilizados tanto para restabelecer a saúde quanto para provocar a morte já que o envenenamento de senhores foi algo muito utilizado como forma de reivindicar direitos mesmo dentro de um sistema escravista e opressor.

As trajetórias de François Mackandal e Joaquim da Silva Senna se relacionam pelo fato de ambos terem sido praticantes das artes de curar apesar de finalidades distintas. Assim, uma das estratégias empreendidas pelo líder revolucionário haitiano foi o envenenamento de senhores brancos dando margem para a desestabilização do sistema escravista, enquanto Joaquim foi um barbeiro-sangrador atuando principalmente nos navios negreiros e na formação de redes de solidariedade no ensino do ofício entre seus pares.

Os dados obtidos apontam para a formação de redes com base em laços sociais construídos pela atuação de sangradores como importante suporte para os africanos que vinham nos navios negreiros em condições desumanas, como já apontado. Pesquisas nessa linha, ao analisarem a atuação de sujeitos negros na assistência à saúde no tráfico atlântico, apontam para a integração entre perspectivas quantitativas e de implicações culturais e sociais do tráfico de escravos.

As considerações de Sidney Chalhoub também nos trazem informações relevantes a propósito da relação entre saúde e tráfico atlântico por meio de fontes oficiais como documentos legislativos, discursos políticos e artigos médicos circulantes no Brasil (CHALHOUB, 1996, 2020). Em meio à crise provocada pela epidemia de febre amarela que assolou o Rio de Janeiro no verão de 1850, diversas controvérsias surgiram sobre os navios negreiros serem o foco de origem e transmissão da doença.

Chalhoub, analisando as discussões públicas em torno da febre amarela, apresenta as diferentes opiniões de autoridades governamentais e médicas que apontam a possível contribuição da doença epidêmica como um dos fatores para a extinção do tráfico de escravos para o Brasil. Apesar de os médicos brasileiros envolvidos nas políticas de saúde terem sido céticos ao germe da febre amarela surgir a bordo dos navios, como é o caso de José Pereira Rego, acreditava-se que os africanos poderiam ser os principais transmissores da doença, pois sofriam menos em comparação aos imigrantes europeus (CHALHOUB, 1996, p. 75).

A evidência investigada de forma pioneira por Chalhoub é uma importante contribuição para olhares renovados sobre as fontes e informações já consolidadas a respeito do tema do tráfico atlântico. A epidemia de febre amarela num dos maiores portos escravagistas das Américas, como o do Rio de Janeiro em 1850, é evidência para o incentivo de mais estudos a respeito das relações entre saúde e tráfico atlântico de maneira ampla, como viemos sustentando até aqui.

Na última fase do tráfico atlântico para a América Latina, Cuba e Brasil se destacaram como espaços onde o crescimento do tráfico foi expressivo e sua supressão constantemente negociada durante o século XIX (FERREIRA, SEIJAS, 2018, p. 60-64). A abolição do tráfico foi peça chave do quebra-cabeças geopolítico entre os governos britânico, brasileiro e português durante o século XIX.

A dimensão política é fundamental para a compreensão desse processo, mas como as fontes analisadas por Chalhoub revelam, as dinâmicas referentes à saúde, em especial epidemias ocorridas em portos escravagistas, também são fatores relevantes para as análises. As epidemias ocorridas em diferentes portos escravagistas são fenômenos excepcionais para análises comparativas entre as regiões participantes no comércio de africanos escravizados, conforme os estudos de Chalhoub e Barcia indicam, em conexão às agendas futuras de pesquisas também apontadas por Ferreira e Seijas.

Considerações finais

Assim como a história de Mackandal, a temática discutida neste trabalho também não tem um final. As possibilidades de compreender as relações entre a história da saúde e da escravidão, no campo dos estudos afro-latino-americanos, são inesgotáveis. São histórias de homens e mulheres que, apesar de terem seus corpos escravizados e adoecidos, desenvolveram diversas formas de artes de curar e disseminaram seus conhecimentos para além do Atlântico em inúmeros atos de (re)criação e resistência. Resistência essa que perdura até hoje, assim como a história de Mackandal que permanece viva, inspirando, representando.

Apesar do tráfico transatlântico de escravizados ter características diversas a depender do período, contexto histórico e espaço analisado, algo sempre esteve presente ao longo de quatro séculos de travessia: as doenças. O enfrentamento das enfermidades, os remédios utilizados, os procedimentos de cura empreendidos e os praticantes das artes de curar são alguns exemplos de objetos de pesquisa que têm ganhado cada vez mais espaço na produção historiográfica a nível nacional e internacional.

A figura de François Mackandal pode ser entendida também como representação de luta no contexto contemporâneo de urgência por respostas sanitárias eficazes devido à pandemia de

Covid-19. Lamentavelmente, o Brasil não se destaca apenas como o país que mais recebeu africanos escravizados na história, mas também vêm batendo tristes e assombrosos recordes de mortes devido ao novo coronavírus e a falta de respostas eficazes por parte das autoridades governamentais como destaque para a ausência do governo federal.

As desigualdades de raça, classe e gênero, implicações históricas do tráfico atlântico que perduram no Brasil contemporâneo são reforçadas no momento atual da pandemia de Covid-19. Os mais afetados fazem justamente parte da população negra, que, pelas estatísticas da pandemia, são as que mais sofrem por contaminação, óbitos e precarização das condições de vida (OLIVEIRA, 2020).

É importante reafirmar a relevância de participar de debates que evidenciam a população afrodescendente no contexto afro-latino-americano como agentes políticos que se posicionam a partir do seu lugar de fala. Espaços institucionais⁵ e fundamentalmente movimentos sociais se destacam como lugares de trocas e disseminação de conhecimento formado sobretudo por afrodescendentes de diversos lugares da América Latina no sentido de superação de desigualdades raciais históricas.

Por fim, nós compreendemos tal espaço de diálogo como fundamental para a luta mais ampla do combate às desigualdades de raça, classe e gênero que ainda assolam a América Latina. Uma vez conectadas ao ativismo negro, nossas investigações acadêmicas podem ser potencializadas nos sentidos expostos ao longo desse texto.

Referências bibliográficas

ALDEN, Dauril & MILLER, Joseph. Out of Africa: The Slave Trade and the Transmission of Smallpox to Brazil, 1560-1831. **Journal of Interdisciplinary History**, Cambridge, vol. 18, n. 2, 1987.

⁵ Um exemplo de espaço nesse sentido é o próprio *Afro-Latin American Research Institute* da *Harvard University* como mencionado.

ANDREWS, George Reid. Desigualdade: raça, classe e gênero. In: DE LA FUENTE, Alejandro de la; ANDREWS, George Reid. **Estudos afro-latino-americanos: uma introdução**. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

ARAYA FUENTES, Tamara Alicia. Un concurso de síntomas o la enfermedad como categoría plástica: la esclavitud negra en Santiago de Chile, 1740-1823. **História Crítica**, Bogotá, n. 76, p. 3-25, 2020.

BARCIA, Manuel. **The Yellow Demon of Fever: Fighting Disease in the Nineteenth-Century Transatlantic Slave Trade**. New Haven: Yale University Press, 2020.

CARVALHO, José Jorge. **A Experiência Histórica dos Quilombos nas Américas e no Brasil**. O Quilombo do Rio das Rãs: histórias, tradições e lutas. Salvador, EDUFBA, 1996.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHALHOUB, Sidney. Posfácio [Estudo crítico]. In: REGO, José Pereira. **História e descrição da febre amarela epidêmica que grassou no Rio de Janeiro em 1850**. São Paulo: Chão Editora, 2020.

DILLON, Elizabeth Maddock; SIMPKINS, Kate. Makandal and Pandemic Knowledge: Literature, Fetish, and Health in the Plantationocene. **American Literature**, Durham, v. 92, n. 4, p. 723-735, 2020.

FERREIRA, Roquinaldo, SEIJAS, Tatiana. O tráfico de escravos para a América Latina: um balanço historiográfico. In: DE LA FUENTE, Alejandro de la, ANDREWS, George Reid. **Estudos afro-latino-americanos: uma introdução**. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

GONZALEZ, Lélia. "Nanny". **Humanidades**, Brasília, v. 17, ano IV, p. 23-25, 1988.

GURIDY, Frank A.; HOOKER, Juliet. Tendências do pensamento político e social afro-latino-americano. In: DE LA FUENTE, Alejandro de la, ANDREWS, George Reid. **Estudos afro-latino-americanos: uma introdução**. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

KLEIN, Herbert S. **The Atlantic Slave Trade**. Nova York: Cambridge University Press, 2010.

MAMIGONIAN, Beatriz G. In the Name of Freedom: Slave Trade Abolition, the Law and the Brazilian Branch of the African Emigration Scheme (Brazil–British West Indies, 1830s–1850s). **Slavery and Abolition**, Londres, v. 30, n. 1, p. 41-66, 2009.

MINA ARAGÓN, William. **Manuel Zapata Olivella**: humanista afrodiaspórico. Cali: Poemia, 2020.

MÜLLER, Frank I. Mackandal, François (d. 1758). **The International Encyclopedia of Revolution and Protest**, p. 1-1, 2009.

OLIVEIRA, Roberta Gondim de et al. Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 9, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000903003&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 12 mar. 2021.

PELÁEZ MARÍN, Piedad. El cuerpo, la salud y la enfermedad en los esclavos del Nuevo Reino de Granada, siglo XVIII. **História Crítica**, Bogotá, n. 46, p. 154-177, 2012.

PIMENTA, Tânia Salgado. Sangrar, sarjar e aplicar sanguessugas: sangradores no Rio de Janeiro da primeira metade dos Oitocentos. In: PIMENTA, Tânia; GOMES, Flávio. **Escravidão, Doenças e Práticas de Cura no Brasil**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.

PIMENTA, Tânia; GOMES, Flávio (org). **Escravidão, Doenças e Práticas de Cura no Brasil**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.

REIS, João José. **Divining slavery and freedom**: the story of Domingos Sodré, an African priest in nineteenth-century Brazil. Nova York: Cambridge University Press, 2015.

RODRIGUES, Jaime. **De costa a costa**: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro, 1780-1860. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ROSENBERG, Charles E.; GOLDEM, Janet. **Framing disease**: studies in Cultural History. New Brunswick: Rutgers University Press, 1997.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. Tenebrosos mistérios: Juca Rosa e as relações entre crença e cura no Rio de Janeiro imperial. In: CHALHOUB, Sidney et al. **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas: Editora Unicamp, p. 387-426, 2003.

SOMMER, Doris. Liberdades Literárias: a autoridade dos autores afrodescendentes. In: DE LA FUENTE, Alejandro de la, ANDREWS, George Reid. **Estudios afro-latino-americanos**: uma introdução. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SWEET, James H. **Domingos Álvares, African healing, and the intellectual history of the Atlantic World**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2011

WADE, Peter. Interações, relações e comparações afro-indígenas. In: DE LA FUENTE, Alejandro de la, ANDREWS, George Reid. **Estudios afro-latino-americanos**: uma introdução. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

ZAPATA OLIVELLA, Manuel. **Changó, el gran putas**. Bogotá: Ministerio de Cultura, 2010.

Recebido em 25- 09- 2021

Aprovado em 06 - 12 - 2021

Publicado em 31-12- 2021